

Paranoá usa água com coliforme

Pesquisa da UnB constata até 2 mil 800 bactérias por 100 mililitros

JORGE CARDOSO

Os 40 mil moradores da Vila Paranoá são abastecidos diariamente por um tipo de água imprópria para o consumo humano. Essa é a conclusão do laudo divulgado pelo Laboratório de Análise de Água do Departamento de Engenharia Civil da UnB, que constatou a incidência que varia de 9 a 2 mil 800 coliformes fecais por 100 mililitros nas amostras coletadas no ribeirão Goiano, Lago Paranoá e quatro minas que servem à comunidade. O nível de coliformes fecais (bactérias intestinais que podem provocar desenteria, hepatite e amarelão) na água que serve ao consumo humano deve ser zero, segundo normas da Organização Mundial de Saúde.

O ponto mais crítico de poluição do sistema que abastece os moradores foi detectado no Lago Paranoá, que apresentou índice de 2 mil 800 NMP (número provável de coliformes fecais por 100 mililitros, uma média equivalente a meio copo com água. No ribeirão Goiano foram encontrados 43 NMP, enquanto que nas minas os índices de coliformes variaram entre 9, 23 e 43 em cada 100 mililitros. Comparado aos padrões estabelecidos pela OMS, o nível de poluição da água que abastece a Vila Paranoá é considerado de alto risco para a população, segundo explicou o engenheiro sanitário Ricardo Bernardes, da UnB, responsável pela pesquisa na área.

RISCOS

A ingestão de coliformes fecais, em qualquer quantidade, pode causar uma série de infecções intestinais. A bactéria do coliforme, expelida pelas fezes, em contato com o vírus de doenças, como hepatite, amarelão ou mesmo esquistossomose torna-se um agente propagador de infecções a partir do momento que é lançada na água que abastece os moradores. "A população sofre altos riscos", confirma Bernardes.

A situação da Vila Paranoá, entretanto, não chega a ser trágica. Bernardes lembra que os níveis de poluição do ribeirão Goiano e das minas podem ser facilmente reversíveis com um tratamento a base de cloração da água. Os custos desse tratamento são bastante acessíveis e os resultados satisfato-

tórios. Para o Lago Paranoá, onde estão concentrados os maiores índices de coliformes, o tratamento deve ser "mais avançado", segundo avaliação de Bernardes, incluindo sistemas de decantação, fluoretação e cloração do manancial.

ESGOTO

Os níveis de poluição na área são justificáveis, como lembra o pesquisador, se for levado em consideração que o Lago Paranoá funciona atualmente como escoadouro de metade da rede de esgotos de todo o Plano Piloto. "Outro fato é que não existe estação de tratamento de água na Vila Paranoá", ressaltou. O perigo detectado no laudo elaborado pelo Laboratório de Análise é agravado na medida em que a comunidade da Vila Paranoá é quase totalmente carente, e por isso predisposta a contrair as infecções levadas pela água.

Bernardes voltou a frisar que a situação não chega a ser catastrófica, já que os dados "só confirmam o que vem acontecendo há muito tempo", mas exige cuidado imediato. Uma campanha sanitária eficiente deve incluir não só a recuperação das condições ideais de água potável mas também serviços de educação sanitária e assistência médica.

As pesquisas do Laboratório de Análise da UnB começaram em julho envolvendo 12 pessoas do setor de enfermagem e engenharia civil. Depois de concluído o laudo, o Laboratório parte agora para o estudo de propostas e soluções para a comunidade. Ricardo Bernardes disse que a Caesb está montando uma estação de tratamento na Vila Paranoá que pode representar o início de um trabalho nesse sentido.

Os resultados do laudo deveriam ter sido divulgados há mais tempo, mas por falta de verbas as pesquisas demoraram. Os problemas de ordem financeira atingiram a compra de agentes químicos para os testes em laboratórios, além de equipamentos e recursos para o deslocamento da equipe até a Vila Paranoá. O resultado final, porém, foi considerado satisfatório. Para Bernardes, ele terá ainda mais validade se for colocado em benefício da população do Paranoá, uma das comunidades mais antigas do DF.